



DAVID BADDIEL

"BRILHANTE"
KEIR STARMEN

JUDEUS

"UMA
OBRA-PRIMA"
STEPHEN FRY

"PARTIU
MEU CORAÇÃO"
NEIL GAIMAN

NÃO

"CORAJOSO E
NECESSÁRIO!"
JONATHAN SAFRAN FOER

"VOCÊ
PRECISA LER"
SARAH
SILVERMAN

CONTAM

"MAGNÍFICO"
SIMON
SCHAMA

DAVID BADDIEL

Tradução de Roberta Sartori

**JUDEUS
~
NÃO
CONTAM**



Vou dar alguns exemplos de um fenômeno recorrente. Começemos com um exemplo literário. Em agosto de 2020, o jornal britânico *The Observer*, que junto com seu jornal irmão *The Guardian* é politicamente o meio de comunicação tradicional mais progressista do país, publicou uma resenha do primeiro romance do roteirista Charlie Kaufman, *Antkind*, feita por uma crítica chamada Holly Williams. A resenha, não muito positiva, criticava o livro principalmente porque o narrador opera a partir do que Williams chama de “perspectiva do homem-branco-cis-het”. Em outras palavras, evidentemente masculino, branco e, menos evidentemente, possuidor de um gênero que não é nem trans nem não binário, e uma sexualidade que é hétero. Qualquer um que ocupa esse quadrado de características é considerado – por aqueles que assumem que todas as estruturas sociais são sustentadas pelo poder – privilegiado. Homens-brancos-cis-hets têm quatro vantagens na vida. Um livro escrito a partir de uma perspectiva homem-branco-cis-het seria rotineiramente marcado por uma plataforma como o *Observer*, ansioso para sempre recentralizar a conversa cultural fora daquele quadrado.

No entanto, o narrador em *Antkind* se chama B. Rosenberger Rosenberg. Ele se descreve logo no início como tendo uma barba “rabínica”, tal qual a “aparência judaica”; talvez ainda mais revelador seja quando, a certa altura, ele usa uma gravata com o slogan “100% *kosher*”. Existem inúmeras ocasiões em que outros personagens se comportam de um modo antissemita em relação a ele, assumindo que seus comportamentos correspondem aos estereótipos judaicos, sussurrando “judeu” quando ele sai dos lugares ou gritando “Vai se foder, judeu!” diretamente para ele. Mas na resenha do *Observer*, não há menção de sua identidade judaica, ou à questão da identidade judaica no livro em geral, apesar de incluir – obrigado, Kindle – sessenta menções da palavra “judeu” e noventa da palavra “judaico”. E, claro, o próprio Charlie Kaufman é judeu.

Mas acho que para Holly Williams nada disso tem relação alguma com a perspectiva homem-branco-cis-het de B. Rosenberger Rosenberg: isto é, nenhuma relação com seu privilégio.

Aqui está outro exemplo, desta vez da comediantes dinamarquesa Sofie Hagen. Em um curta-metragem – muito bom – de 2019 que fez sobre positividade corporal, Hagen recita uma lista das “pessoas mais oprimidas da sociedade”, que inclui: “pessoas negras e pessoas de cor, pessoas *queer*, pessoas trans, muçulmanos e pessoas com deficiência”. O que, de fato, é uma boa tentativa de cobrir a margem daquilo que muitos progressistas considerariam os grupos mais oprimidos, as minorias mais perseguidas da sociedade.

Mas a lista deixa escapar uma minoria perseguida, uma das minorias mais perseguidas da história. Agora, imagine que o personagem principal de *Antkind* pertencesse a alguma dessas minorias mencionadas por Hagen. A premissa central da resenha do *Observer* – que a questão problemática com o *Antkind* é que ele é

escrito a partir de uma perspectiva homem-branco-cis-het – se dissolveria, e com ela a maior parte da negatividade da resenha. O que significa que, apesar do histórico de perseguições, há apenas uma minoria que, para os checadores de privilégios, permanece firme no quadrado do privilégio.

Hora de um exemplo altamente literário: no ano-novo de 2017, a BBC Radio 4 transmitiu a leitura de Jeremy Irons da coleção completa de poemas de T. S. Eliot, quase na íntegra. Quem conhece a poesia de Eliot sabe que a leitura de todos os seus poemas significa a inevitável inclusão destes versos de “Gerontion”:

Minha casa é uma casa dizimada,
E no peitoril da janela acocora-se o judeu, o dono,
Desovado em alguma taberna de Antuérpia, coberto
De pústulas em Bruxelas, remendado e pilhado em Londres.

E de “Burbank com um Baedeker: Bleistein com um charuto”:

Os ratos estão debaixo das pilhas
Os judeus estão debaixo do lote.

Lembro-me de ouvir e de me perguntar como a BBC contornaria isso. Quando o assunto eram esses poemas específicos, eles contaram com a ajuda de Anthony Julius, um advogado judeu e autor de *T. S. Eliot, Anti-Semitism and Literary Form* (1995), que prefaciou as leituras com sua teoria de como o altamente dominante antissemitismo da moda da época caracterizou e possivelmente até aprimorou o trabalho de Eliot. Para simplificar consideravelmente, Julius acredita que Eliot foi um poeta tão grande que ele poderia – quase exclusivamente,

embora haja, é claro, *O mercador de Veneza* – transformar o antissemitismo em arte.

Escrevi para Anthony Julius a esse respeito, porque acho que a posição dele está errada. Sou fã de Eliot, mas acho que a poesia não redime o ódio. Acabamos almoçando, algum tempo depois, e conversando sobre isso por três horas (uma reação, se me permite dizer, muito judaica à coisa toda).

Mas nada disso abalou a sensação que tive, no ano-novo de 2017, de que, por melhor que seja o escritor, por melhor que seja a escrita, nenhum outro grupo minoritário seria comparado a ratos ou vislumbrado como qualquer outro estereótipo racista negativo semelhante na Rádio 4. Não é inconcebível que a BBC possa ler um livro inteiro de Agatha Christie no ano-novo. É, no entanto, inconcebível que alguém ouça a voz de Jeremy Irons dizendo: “E agora, *Ten Little N****rs*!”.

Enquanto isso, em meados de 2020, após a onda de estátuas sendo derrubadas como parte dos protestos do Black Lives Matter, um manifestante em Broadstairs, Kent – muito distante de Minneapolis –, pichou as palavras “Dickens era racista” no Museu Charles Dickens. O manifestante se chamava Ian Driver, e sua inspiração foi uma carta que Dickens havia escrito condenando o motim indiano de 1857. A carta é, sem dúvida, racista. No entanto, é estranho que Ian Driver tenha que ir até um texto relativamente obscuro de Dickens para se inflamar por seu racismo, quando, em *Oliver Twist*, à vista de todos, por anos e anos e anos, está Fagin.²

Mas talvez ele não conte.

1. O termo com os asteriscos é a palavra “niggers/negros”. A tradução do título é “Os dez negrinhos”. (N. T.)

2. Em seu livro, Dickens se refere várias vezes a Fagin, o explorador de crianças, como “o judeu”, embora mais tarde tenha revisado o romance para minimizar a religião e etnia do personagem. (N. T.)

A conversa cultural moderna sobre a reavaliação de grandes escritores do passado à luz do entendimento político atual nem sempre é negativa. No caso, por exemplo, da romancista Edith Wharton, do início do século XX, essa reavaliação recentemente tratou de elevar seu *status* no cânone, com a sensação de que, como mulher, ela havia sido negligenciada. No final de 2020, o grupo de leitura *on-line* do *Guardian* escolheu *A época da inocência*, de Wharton, como seu livro para setembro. Enquanto isso, no *Times*, Anna Murphy escreveu a respeito de seu amor por *A casa da felicidade* e, especificamente, sobre como se sentia satisfeita por Wharton estar finalmente sendo reconhecida como à altura de Henry James.

É certamente verdade, com algumas exceções notáveis, que as mulheres autoras não receberam o devido reconhecimento da cultura; dessa forma, essa reavaliação de Wharton me fez decidir pegar *A casa da felicidade*. Eu estava gostando muito das aventuras da heroína, Lily Bart, nas primeiras páginas, até que um personagem chamado sr. Rosedale – “o mesmo judeuzinho que havia sido servido e rejeitado na sociedade uma dúzia de vezes” – é apresentado. A questão não é, obviamente, que Wharton, em seu tempo e contexto, tenha escrito coisas que hoje considerariamos antissemitas. A questão é que isso não é um problema para sua atual valorização feminista. Enquanto isso, outros tipos de racismo que sua escrita possa expressar continuam, para alguns, a sê-lo. Em um ensaio para o site feminista *Jezebel*, a estudiosa literária vitoriana Rachel Vorona Cote escreve: “Excluindo o que os personagens de Wharton – ou, aliás, a própria Wharton – possam ter a dizer sobre minha família judia, minha branquitude me fornece um par de cômodos pisca-piscas que ocultam os detalhes manchados. Ao voltar minha atenção para o tratamento que o romance

dispensa às pessoas de cor – periférico, desdenhoso –, não consigo recuperar meu prazer descomplicado com isso”.

É bom que Verona Cote esteja questionando as suposições de Wharton. Se eu fosse questioná-la, a pergunta a fazer seria: por que excluir o que os personagens de Wharton ou a própria Wharton diriam sobre os judeus?

Aqui está outro exemplo.

Em 2019, uma produção de *A cor púrpura*, baseada no romance de Alice Walker, seria encenada como musical em Londres. Cerca de quatro semanas antes da estreia, descobriu-se que a atriz que interpretaria o papel principal de Celie, Seyi Omooba, havia postado – em 2014 – mensagens homofóbicas no Facebook. Omooba é de origem cristã evangélica, e suas postagens eram mensagens cristãs evangélicas bastante comuns sobre a pecaminosidade da atividade entre pessoas do mesmo sexo. Ela se recusou a se desculpar pelas postagens e foi demitida.

Não estou interessado, para os propósitos deste livro, nos erros e acertos gerais da cultura do cancelamento. Mas o importante, para os propósitos deste livro, é que Omooba *foi* cancelada, pelo menos no que dizia respeito ao show, por homofobia.

Alice Walker publicou em 2017 um poema chamado “To Study The Talmud”. O Talmude é um livro de exegese do Antigo Testamento, codificado no século XIV e que contém a base de todas as regras e leis arcaicas do judaísmo: foi escrito sobretudo por rabinos. O Talmude foi ampla e incorretamente citado por antissemitas que desejam sugerir que os judeus bebem sangue cristão e promovem a pedofilia. Aqui está o que Walker escreveu:

Os góis³ (nós) deveriam ser escravos dos judeus, e não apenas
Isso, mas desfrutar disso?
As meninas de três anos (e um dia) são elegíveis para
casamento e relações sexuais?
Os meninos são vítimas de estupro?
Mesmo o melhor dos góis (nós, novamente) deve ser morto?
Pare um momento e pense no que isso pode significar
Ou já significou
Em nosso próprio período de vida.

Walker, como Omooba, usou a religião antiga para defender e promover estereótipos e discriminação contra um grupo minoritário. Omooba diz: “Está claramente manifesto em I Coríntios 6: 9-11 o que a Bíblia diz sobre este assunto. Não acredito que você possa nascer gay e não acredito que a prática homossexual seja correta”. Essa é uma posição antigay. Walker afirma que os judeus acreditam que a pedofilia, a escravidão e o assassinato de não judeus são sancionados por sua religião. Essa é uma posição antijudaica. É também, eu sugeriria, a expressão mais poderosa das duas posições (“eu não acredito” é uma declaração de opinião; “os judeus acreditam” é uma declaração – incorreta – de um fato). Omooba foi cancelada. Alice Walker – ninguém jamais sugeriu que ela deveria ser. E, claro, o musical *A cor púrpura* foi adiante.

Vivemos tempos difíceis, politicamente falando. Durante minha infância, nas décadas de 1970 e 1980, o mantra era “o pessoal é político”; agora, porém, a politização de todas as coisas por trás da política de identidade impulsionada pelas mídias sociais põe

3. Palavra judaica para um gentio, não judeu. (N. T.)

aquele tempo no esquecimento. Isso ficou claro em um documentário recente da BBC sobre a série dramática *Play for Today*. A série, que durou de 1970 a 1984, foi uma vitrine para peças únicas na televisão e um terreno fértil para muitos dramaturgos britânicos importantes. Lembro-me, sobre essas peças, de que elas eram muito variadas em tom e assunto, mas esse documentário, chamado *Drama Out of a Crisis*, destacou apenas aquelas que expressavam políticas radicais e questões sociais. Ele fez questão, portanto, de focar nas poucas peças da série *Play for Today* que tratavam de minorias, notadamente na obra do escritor e diretor negro Horace Ové, mas também naquela peça que, à frente de seu tempo – embora afinada com o nosso –, lidou com questões transgênero.

Em 1977, no *Play for Today*, a BBC exibiu a peça *Bar Mitzvah Boy*, de Jack Rosenthal. Ganhou o BAFTA [sigla em inglês para Academia Britânica de Cinema e Televisão; a premiação é conhecida como o Oscar britânico] daquele ano de melhor peça em um único ato. Dois anos antes, *Play for Today* exibiu *The Evacuees*, de Rosenthal, um drama sobre duas crianças judias forçadas a viver com pais adotivos não judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Também ganhou um BAFTA, e um Emmy internacional. Porém, o mais importante para mim, como um jovem adolescente em Londres, é que essas duas peças foram o primeiro exemplo real de representação de minha vida na TV. Foi a primeira vez que vi a experiência anglo-judaica retratada com precisão em qualquer lugar da cultura britânica.

Em *Drama Out of a Crisis*, nenhuma dessas peças foi mencionada.

Às vezes, é possível ouvir em voz alta o que estou dizendo. O principal programa de atualidades da BBC, aquele que define a agenda

de notícias todas as manhãs, é o *Today*, na Radio 4. Escutá-lo é obrigatório para quem se interessa por política. E a reação também é obrigatória: se algo polêmico é dito no *Today*, o Twitter pega fogo e a conversa explode.

Em 13 de março de 2019, John Zogby, pesquisador de opinião pública norte-americano, estava no ar. A certa altura, ele começou a falar sobre fissuras no Partido Democrata, especificamente em torno das opiniões da então nova deputada Ilhan Omar sobre Israel e os apoiadores dela nos EUA. O entrevistador, Justin Webb, que sempre participa no *Today*, disse, em resposta:

Se o partido decidisse dizer a seus apoiadores: "Olha, achamos que o antissemitismo é um pouco como o modo como alguns de nosso povo podem considerar o racismo antibranco, que, na verdade, é um tipo diferente de racismo. Não é tão importante – ainda assim, é ruim –, mas não é tão importante quanto algumas outras formas de racismo", que impacto você acha que isso poderia ter?

Foi um momento estranho. Parecia menos uma pergunta e mais uma sugestão útil. O tom era: "Seria este um caminho a ser seguido para os democratas?". Webb não complementou nem contextualizou. Ele não prefaciou nem acrescentou: "Obviamente, é ofensivo dizer isso, mas talvez seja o que algumas pessoas do partido realmente pensam". Seu tom era neutro.

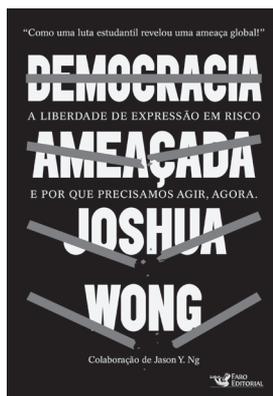
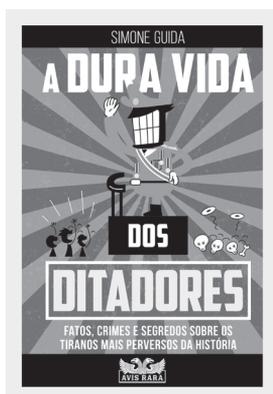
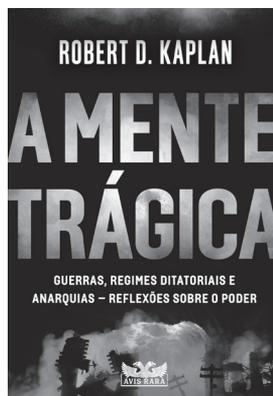
Zogby seguiu em frente sem de fato responder. Mas, mesmo que tivesse respondido, foi a pergunta em si que me surpreendeu. Lembro-me de ouvir e pensar: "Caramba, é raro alguém simplesmente sair falando 'o antissemitismo é um racismo de segunda classe'". Achei que ia criar polêmica. Achei que haveria uma reação intensa.

Não houve. Bem, isso não é bem verdade. Demorou um pouco, depois que eu consegui, após muito mexer com o serviço de *streaming* e os dispositivos de gravação em meu computador, gravar

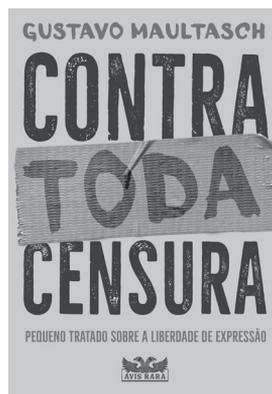
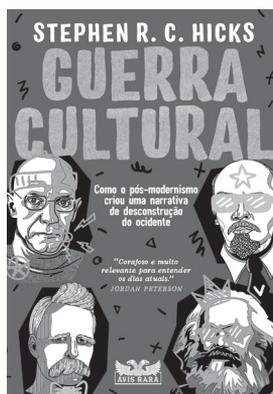
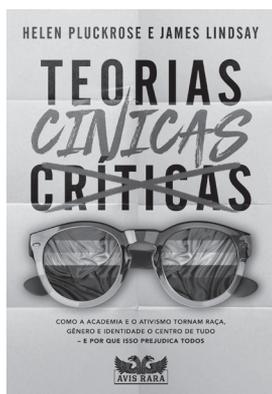
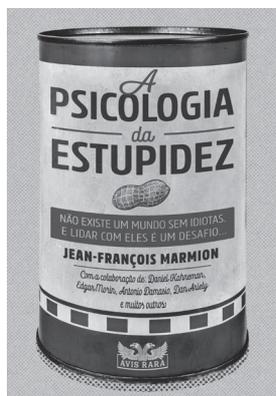
a pergunta e postá-la no Twitter, junto com uma sensação de meu espanto. Mesmo assim, não houve tanto barulho *on-line*, e o barulho que surgiu veio principalmente de judeus.⁴

Então, embora eu tenha dito que “Às vezes, é possível ouvir em voz alta o que estou dizendo”, o que eu realmente ouvi foi o silêncio.

LEIA



TAMBÉM



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

Campanha



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM SETEMBRO DE 2023